

# Alta nos preços não tem sido suficiente para gerar expansão de plantio



8 José Carlos Grossi não é apenas proprietário de uma das maiores fazendas de café do mundo, cuja produção tem oscilado em torno de 100 mil sacas (segundo informou Manoel Bertone, moderador da mesa da qual Grossi fazia parte), ele também é dono de uma das opiniões mais balizadas do setor cafeeiro. Formado engenheiro agrônomo pela USP/Esalq em 1971, foi um dos pioneiros da cafeicultura no cerrado mineiro, mais especificamente na região de Patrocínio, onde se estabeleceu.

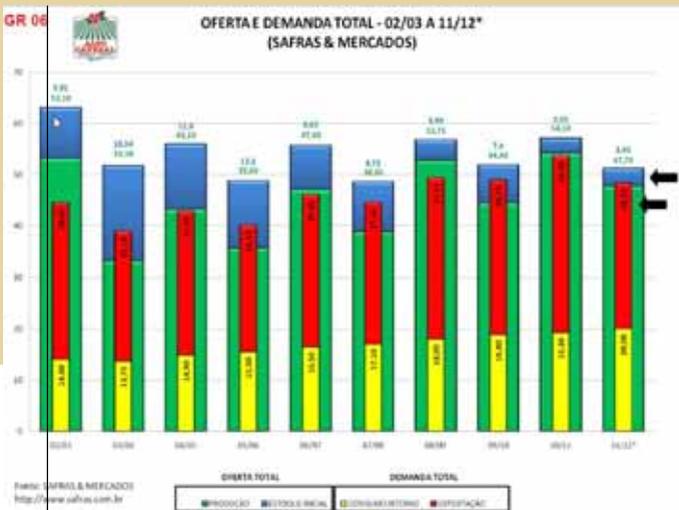
Em sua intervenção durante o Fórum promovido pelo Cecafé, Grossi analisou a evolução do cultivo de café no país, durante as últimas décadas e fez prognósticos sobre o futuro das lavouras em termos de quantidade, área plantada e produtividade. Grossi iniciou sua exposição observando que (sempre usando dados oficiais) a produtividade média da safra brasileira durante o período 1975/76 a 1996/97 foi de 9,50 sacas por hectare. Este número iria saltar para 12,70 sacas por hectare durante o ciclo que vai de 1997/98 a 2001/02, e para 18,60 entre os anos de 2002/03 até a safra atual, 2011/12. Do primeiro para o segundo período, houve um aumento de 34% no índice de produtividade; do segundo para o terceiro, de 96%.

Enquanto isso, a área cafeeira plantada, que chegou a ultrapassar 3 milhões de hectares ao final da década

de 70, hoje está em torno de 2 milhões de hectares. Essa queda de área não impediu que a produção média nacional seguisse aumentando substancialmente nas últimas décadas, em consequência do adensamento das lavouras e crescimento da produtividade.

Na última década, notou-se ainda um fenômeno original entre os produtores brasileiros: nem nos anos de preços altos, nem nos anos seguintes, detectou-se expansão da área plantada. As razões disso, segundo Grossi, são várias: em primeiro lugar, os produtores não têm se beneficiado muito do aumento dos preços, já que estes picos se dão sobretudo em época de entressafra, quando a maioria do setor já não tem café em mãos para vender; em segundo lugar, os custos tanto para implantação de novas lavouras como para manutenção das antigas, tem crescido consideravelmente. "O custo da terra explodiu nos últimos anos", informa Grossi, acrescentando que há um problema cada vez mais grave de falta de mão-de-obra, que se torna particularmente grave para o café, pois é uma cultura que, mesmo em áreas fortemente mecanizadas, demandam uma quantidade enorme de trabalhadores.

Os preços das máquinas necessárias para tocar adiante uma lavoura de café também subiram tremendamente, segundo Grossi.



Um outro fator importante é que o índice de formalização fiscal e trabalhista de uma fazenda hoje é muito mais alto do que antigamente. O Ministério do Trabalho tem agido com muito rigor nas áreas rurais, mormente onde há cultivos agrícolas intensivos, como é o caso do cerrado mineiro. Esses custos, no passado, pareciam menos pesados para o setor como um todo em função da maior informalidade. Hoje pesam muito e interferem severamente na decisão dos produtores de priorizarem a renovação e melhoramento de suas lavouras ao invés de investirem em novos plantios.

A área em produção no Brasil, mostrou Grossi, tem caído, enquanto a área em formação tem crescido, alcançando cerca de 10% da área cultivada total nos últimos três anos.

O café, além disso, enfrenta hoje forte concorrência de outros produtos agrícolas, sobretudo as culturas temporárias e anuais, onde o investidor não precisa esperar três anos (como é o caso com o café, cuja primeira produção acontece apenas no terceiro ano após o plantio) para auferir sua primeira renda. O cultivo de soja, milho e cana-de-açúcar, principalmente, tem recebido a maior parte dos capitais investidos na agricultura. É muito difícil, analisou Grossi, que investidores sem tradição no setor de café, optem pela rubiácea tendo alternativas que oferecem lucro mais rápido. Um aumento da produção de café, portanto, dependerá de investimentos dos produtores tradicionais, que tem preferido apostar no crescimento da produtividade.

Grossi pergunta-se até onde o aumento da produtividade poderá continuar respondendo pelo aumento da quantidade produzida. Estaria já perto de um limite natural? Entre os grandes produtores, provavelmente sim, afirma Grossi, mas entre os pequenos e médios ainda há um potencial grande. Celso Vegro, pesquisador do Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo (IEA), lembrou, antes da palestra de Grossi, que cerca de metade das propriedades cafeeiras do país não usam calcário, uma substância fundamental para reduzir a acidez do solo, e que, estatisticamente, causa um aumento forte no rendimento dos pés de café.

Grossi observa que a demanda pelo café brasileiro deverá chegar a 49,3 milhões de sacas no período 2011/12, contra uma produção de 43,3 milhões de sacas, fator que contribuirá de maneira determinante para um cenário de preços firmes e crescentes durante os próximos meses.

“A demanda pelo café é crescente e estável; a oferta não”, lembra Grossi. O produtor traz ainda estimativas de produção da empresa Safras & Mercado, com números para a safra brasileira maiores do que os da Conab. Mesmo assim, revela Grossi, pode-se notar que a oferta brasileira de café não atende a demanda. A Safras estimou a produção brasileira 2011/12 em 47,7 milhões de sacas (contra os 43,3 milhões de sacas, segundo a Conab), mas a soma do consumo interno de café com as exportações do grão totaliza 48,3 milhões de sacas. €

